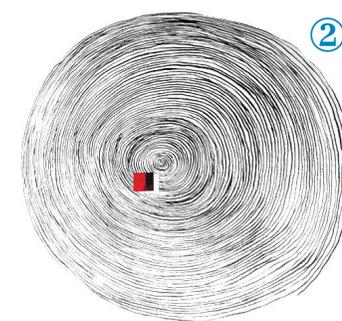


# /// CÍRCULO DE ESTUDOS DO CENTRALISMO



## AS OPINIÕES NÃO VINCULAM O CÍRCULO

### ASSOCIADO CONVIDADO



POR

**Sebastião Feyo de Azevedo**  
Presidente da Associação Círculo de Estudos do Centralismo

*Organização e Gestão do Território: mudar é preciso*

1. “Portugal é um país coeso em termos de valores de identidade e de cultura, mas, simultaneamente, apresenta muito impressivas e graves desigualdades em termos de desenvolvimento regional e de ocupação territorial.”

Este é o texto que podemos ler na abertura do importantíssimo estudo desenvolvido por um grupo de personalidades, autointitulado Movimento pelo Interior, e apresentado às mais altas individualidades nacionais em 18 de maio de 2018. Acrescente-se, seis anos passados, que com acolhimento nulo das 24 medidas então propostas.

É bem claro que o desenvolvimento regional não é caracterizável por um só indicador, mas os dados relativos à ocupação dos territórios refletem, mais do que qualquer outro, as políticas adotadas para esse desenvolvimento.

Poderia socorrer-me de exemplos de entre centenas de povoações do nosso Interior. Olhando para um horizonte entre 1960 e 2021 (ano do censo mais recente) vemos, de Miranda do Douro a Alcoutim, que em 2021 a população era da ordem dos 35% da que se observava em 1960 (Fonte: INE).

Pois, de entre tantas, escolho usar Guiães, a terra do meu Avô paterno, onde muitos dias passei e de que tenho memórias bem consolidadas desde 1960 (daí este ano de referência), como inspiração para esta mensagem.

2. Guiães é uma belíssima povoação transmontana que dista somente 16 km de Vila Real e que fica a cerca de 30 minutos de burro (assim se mediam as distâncias à época)

ca) desse poema panorâmico que se avista do S. Leonardo de Galafura, cantado por Torga nos seus Diários IX e XII. Uma vista do Douro que encerra toda a força e beleza, todo o imenso potencial do nosso Interior.

Em 1960 Guiães tinha 1001 habitantes. A ligação à estrada Vila Real-Régua era feita por um caminho de terra rudimentar. Não tinha saneamento, como não tinha água canalizada, nem energia elétrica, nem assistência de saúde.

A água, encarregavam-se as mulheres de a trazer da fonte, em cântaros à cabeça, matinalmente. A iluminação era assegurada pelos Petromax alimentados a queirosene. E a saúde era assegurada por um senhor da terra, médico João Semana, que lá ia mensalmente, carregado de caixas de amostras de medicamentos que os laboratórios forneciam, e dava consultas gratuitas, duas a três tardes por estadia.

A pobreza era generalizada. Muitos dos homens, depois das vindimas, iam a salto para França ganhar a vida.

Hoje, há saneamento, água canalizada, energia elétrica, sinal digital e apoio médico mínimo. As estradas estão bem melhores. Tem um programa desportivo e cultural. Há óbvia modernização, mas em 2021 Guiães tinha 384 habitantes, 38,4% relativamente a 1960.

3. Aqui está o paradoxo: progresso e despovoamento. Em Trás-os-Montes, por toda a raia o panorama é este.

O problema da desertificação do território é muito agudo. Os jovens têm mais formação e horizontes, as oportu-

nidades de trabalho escasseiam e as estradas têm dois sentidos. Faltam serviços de proximidade. A oferta limitada de transportes é duramente punitiva para as crianças, no modelo atual de concentração de escolas, e para os velhos, no apoio à saúde.

Mudar, é preciso. O Círculo acaba de lançar o Novo Movimento pelo Interior que irá visitar o que já foi estudado e proposto. Novas propostas surgirão. É preciso descentralizar, fortalecendo o poder local. É preciso que os autarcas locais, que conhecem bem as idiosincrasias locais, participem com presença forte. É preciso criar âncoras, mais âncoras, para o desenvolvimento económico e social do Interior. São necessários serviços públicos de proximidade. É urgente rever, reinventar, o modelo político de gestão do território que mantém, no essencial, as condições de empobrecimento centralista de um passado de má memória.



ALBERTO AMOS

O Douro visto do miradouro de São Leonardo de Galafura  
“...não é um panorama que os olhos contemplam: é um excesso de natureza...”, Miguel Torga, in *Diário XII*, 8 de abril de 1977